

NEOLOGISMOS SURDOS: METÁFORAS GRAMATICAS E INTEGRAÇÃO DEÍCTICA NA LSC¹

Alex Giovanni Barreto

Bolsista Colciencias

Doutorado em Antropologia

Universidade Nacional de Colômbia

alexgbarreto@gmail.com

agbarretom@unal.edu.co

1. Introdução

As discussões no campo da língua de sinais nos últimos cinquenta anos estiveram sob duas tensões particulares (TAUB, 2010, p 222): por um lado, a tendência para provar por quaisquer meios que as línguas de sinais são iguais às línguas faladas mesmo minimizando diferenças por correção política; por outro lado, a tendência para destacar as diferenças entre a língua de sinais e oral ao ponto de sugerir que deveria haver "outra linguística" com as suas próprias línguas de sinais para suas próprias categorias. No entanto, em linguística geral, as línguas de sinais são ainda um campo relativamente inexplorado (GILLES & PADDEN, 2016). Neste artigo, eu volto para a discussão sobre as semelhanças e diferenças entre o neologismo em línguas orais e línguas de sinais. Semelhanças na ordem dos universais linguísticos e as diferenças em termos da modalidade visual e gestual (SANDLER & LILLO-MARTIN, 2006).

A neologia pode lançar luz interessante sobre o surgimento e evolução dos tecnolectos ao contrário de outras variedades sociolinguísticas das línguas de sinais. Neologia pode ser vista não apenas como um processo sistêmico ou puramente gramatical, mas também como um processo de integração entre um sistema linguístico e sua prática referencial no contexto, ou seja, uma integração dêitica (EDWARDS, 2014). Como a terminologia acadêmica-técnica em língua de sinais ocorre em oposição ao léxico todos os dias? Esta questão tem implicações para nossa compreensão da natureza dos tecnolectos em língua de sinais colombiana. Poderia também se estender a LIBRAS, pontualmente á diferença da terminologia que surge na UFSC

¹ O seguinte resumo é uma versão e adaptação posterior para LIBRAS e português do capítulo em avaliação: *Neologismos en lengua de señas colombiana: Metáforas gramaticales e integración deíctica*. Instituto Caro y Cuervo.

na oposição com mesma criada em outros estados. Embora, nesta escrita eu estou focalizado na língua do meu trabalho: a língua de sinais colombiana.

As diferenças entre os neologismos de línguas orais e neologismos na LSC radicariam na prática referencial das pessoas que produzem o último. Isto tem amplas implicações conceituais e metodológicas para a descrição lexicológica e terminológica da LSC. Então, quanto similaridade ou diferença entre a formação de termos acadêmicos e técnicos e LSC espanhol? Como parte de minha pesquisa de doutorado em desenvolvimento, proponho rever o conceito da metáfora gramatical (HALLIDAY, 2004) e integração deíctica (EDWARDS, 2014) na criação de neologismos na língua de sinais colombianos. Após preliminarmente rever a construção de 70 neologismos, concluo que, embora para o momento, os dados não podem fornecer provas conclusivas da existência de 'metáforas gramaticais' em LSC nas mesmas condições de Halliday, sim, existem vários processos metafóricos da 're-acoplamento' de elementos gestuais, espaciais, conceituais e visuais. Esses acoplamentos podem ser resumidos como uma «prática de referência em várias modalidades" que permitiria entender como está ocorrendo a neologia na LSC para fins acadêmicos (terminologia), em oposição ao existente para os fins cotidianos (lexicologia), ademais, estes acoplamentos podem ser os melhores candidatos para apoiar o conceito de "metáfora gramatical" aplicada ao LSC.

2. Framework Teórico: Metáfora Gramatical e Integração deíctica

Há uma história sobre como as línguas têm vindo a ser desenvolvido para a ciência. A maneira particular de Inglês, foi revelado por Halliday em vários de seus escritos, compilados e editados nomeadamente na *Language of Science* (2004). Para Halliday do paradigma sistêmico-funcional, cada língua é em si uma teoria da experiência humana, uma forma de organização no mundo. Quando línguas para além das suas "crianças", a linguagem científica não é propriamente um surgimento duma estrutura totalmente nova, mas uma continuação do mesmo potencial da linguagem de teorizar. O esquema preferido para a linguagem para aprimorar esta teorização em seu pós-infância é a metáfora, na sua forma mais simples, um 'inter-acoplamento' para se referir um item em termos de outra definição. A particularidade da linguagem científica é que este re-acoplamento não ocorre entre as palavras, mas as classes gramaticais; processos e qualidades semânticas na forma como os verbos e adjetivos, são re-acoplada em entidades semânticas na forma de substantivos (ver Figura 1).

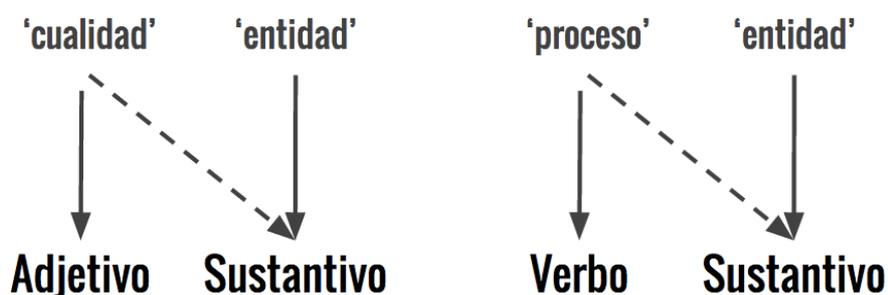


Figura 1: Diagrama de re-acoplamento de classes gramaticais inspirados por Halliday (2004).

Isto é, paradoxalmente, a forma como uma linguagem alcança maior abstração para a ciência está se tornando processos qualidades difíceis de apreender nos objetos na língua. Sob a linguagem científica, mundo dinâmico e abstrato apresenta-se como uma coleção coisas na forma de substantivos, graças a uma "articulação semântica" (*semantic junction*). Assim, *long* torna-se *length*, e *move* torna-se *motion* e assim por diante.

A partir de antropologia linguística, abordagem prática á linguagem (PAL por sua sigla em Inglês) (HANKS, 1996, 2000, 2010) tem sido um caminho para a interpretação da prática referencial. Prática referencial define-se como a forma como os agentes podem acessar o mundo ao seu redor, não só em termos físico-espacial, mas em termos interativos e cognoscíveis. No PAL, dêixis é entendida para além de uma forma de índices de classificação sistema linguístico, mas como um recurso semiótico em geral. O que tem sido chamado relação língua/contexto classicamente, no PAL é um princípio de incrustação (*embedded*). Mais do que uma relação ambígua, a língua é "encarnado" (*embodied*) no mundo (contexto). Esta incrustação é apresentada em diferentes estratégias como as *equivalências práticas* (HANKS, 2005, p. 202) (forma de estabelecer relações e correspondência em como os agentes acessam aos objetos), *contrapartes* (HANKS, 2013) (relações de correspondência de forma e significado entre objetos), as *regras de ouro* (HANKS, 2005, p. 207) (relações entre os trajetos históricos e "heurísticas instrumentais" ou "máximas" nos modos de acesso na interação) e deíctica integração (EDWARDS, 2014) (formas de fusão entre elementos linguísticos e não linguísticos no acesso e a interação dos agentes)

A integração deíctica é evidente na utilização de alguns índices sobre a língua. Quando uma pessoa diz no português *esse*, *aquela*, *isto* em determinadas circunstâncias precisa usar qualquer parte do seu corpo para sinalizar o espaço físico imediato, a palavra sem o gesto é incompleta ou totalmente ambígua. Assim, o deíctico atende, ou é "fundido" ou integrado no seu uso social com um gesto que não pertence estritamente falando á fonologia e morfologia do português, ou

seja, a mão não é parte dum sistema de sons, razão que aquela é catalogada em termos extras ou para-linguísticos. Nas línguas de sinais nessa fusão entre o gesto e sistema de língua é muito mais complexa. Muitos, se não todos os processos linguísticos estão relacionados ao espaço, gestos e a lógica visual. Assim, os linguistas têm discutido em todos os níveis em que você pode aplicar um limite difuso entre o linguístico, que pertence às regularidades da fonologia e morfossintaxe do sistema, e o não-linguístico, que pertence às variabilidades difusas do gestual *gradiente* na comunicação (cf. AART, 2004; LIDDELL, 2003). Para integração deíctica, a fusão entre gestos do corpo e elementos visuais e espaciais dos sinais, é uma relação entre diferentes campos, especificamente uma forma que os elementos do campo dêitico e o campo simbólico (BÜHLER, 1934) eles tomam valor no campo social (BOURDIEU, 1978) e vice-versa.

3. Metodologia

Este trabalho está enquadrado no meu primeiro ano de pesquisa de doutorado, intitulado provisoriamente: *Os neologismos surdos: acesso, tradução e conversão em linguagem de sinais colombiana*. Neste ponto eu estou avançando no estágio de “pre-campo”; uma exploração inicial sobre a população ao tema proposto no projeto de tese de doutorado antes da defesa da minha candidatura no próximo período. Para o trabalho de pre-campo, eu visitei oito dias duas cidades da Colômbia (Medellín e Santa Marta), eu compilei uma lista de 65 candidatos para pares mínimos (130 sinais) e 70 neologismos área da linguística. Dadas as discussões fonéticas sobre o assunto (JOHNSON & LIDDELL, 2011), eu defino o par mínimo como a diferença traços distintivos fonológicos entre dois sinais, não necessariamente um “segmento”. Uma vez construído o corpus, tomei notas de meu diário de campo, que até à data no total 126 páginas no tamanho de um quarto de tabloide. O princípio etnográfico na metodologia antropológica linguística estimula as notas de campo para aproveitar minha experiência e interação como um falante bilíngue da LSC com família e amigos surdos, enquanto problematizar também facilidades, limites e dificuldades da minha abordagem humana. Este análise é conhecido como *reflexividade* (GUBER, 2001). Reflexividade contribui para que os dados podam ser interpretados como uma negociação entre a distância científica e viés subjetivo resultante da humanidade do pesquisador para investigar as práticas sociais, ou o esforço que requer empenho na observação participante para alcançar um quadro abrangente e holística de compreensão da vida social pesquisada. A coleção começou em pares mínimos de qualificação eventos professores e intérpretes de língua de sinais surdos. A coleção de pares mínimos

procura entender quais são os tipos de traços da LSC que podem ser potencialmente utilizados na morfologia dos neologismos.

Como mencionei antes, no contexto da antropologia, a etnografia longe de ser uma atividade ou um método particular, é um grande paradigma (ou “princípio”) teórico e metodológico. Neste resumo vou me limitar a apenas um resumo de cada componente metodológica. No paradigma etnográfico, minha pesquisa sugere duas estratégias principais de observação participante e de arquivo etnografia. Na observação participante utilizados métodos específicos são cenário etnográfica, que é uma forma de estreitas, caminhos, atores, lugares e relacionamentos nos quais observação etnográfica de modo que uma favoráveis interpretações posição na elaboração teórica será feita e o substituto participante, que é uma maneira de tratar o “paradoxo do observador” clássico em estudos sociolinguísticos labovianos, o participante substituto é um nativo para acompanhar a investigação, não só no papel do entrevistador, mas na interação, análise e interpretação. Nesta estratégia, os instrumentos de gravação são o Diário de Campo Intensivo (AROCHA, 2003) uma variação um pouco mais ampla do diário de campo tradicional, e entrevista não dirigida. Na etnografia do arquivo, o Modelo do Autosegmento Manual - MAM (*Hand Tier Model*, SANDLER, 1989) é aplicado a análise morfológica e terminológica. Por espaço, só apresento o esquema dos traços principais, mas não é explicado propriamente o modelo neste resumo.

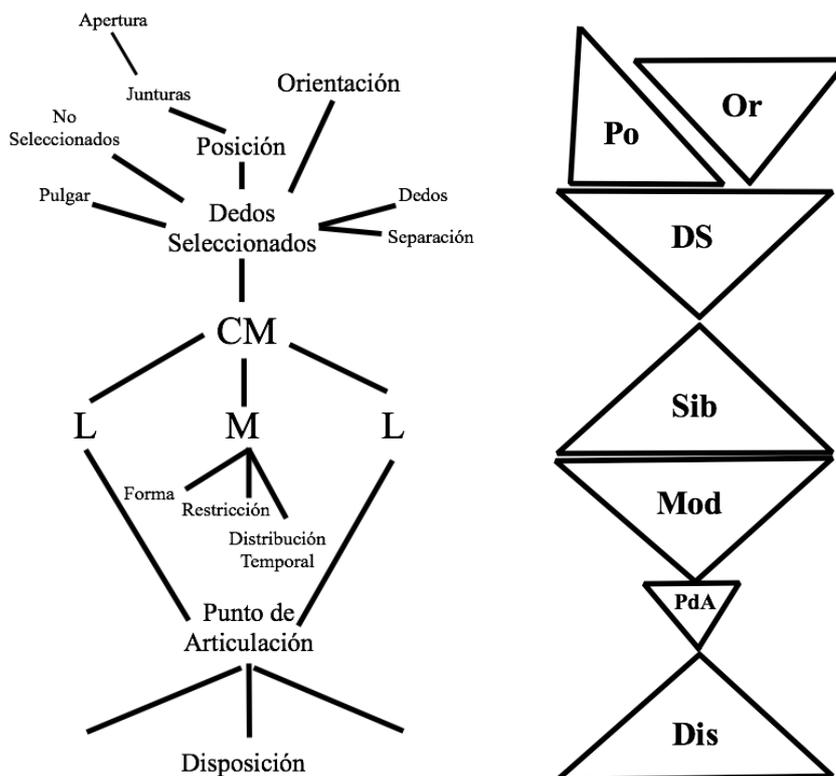


Figura 2: Comparação das classes de traços do MAM e uma simplificação geométrica do Barreto (em avaliação).

4. “Re-acoplamentos”: em busca da metáfora gramatical em LSC

No desenvolvimento histórico da LSC nos últimos 80 anos, surdos tem criado alguns sinais em áreas especializadas, como a linguística. É possível que a forma LINGUAGEM no composto LINGUAGEM-MANUAL seja a sinal mais antiga para “linguagem” na LSC (registrado nos primeiros manuais da Federação Nacional dos Surdos, FENASCOL). É possível que este sinal fora tirada diretamente de LANGUE-DE-SIGNES da língua de sinais francesa o língua de sinais espanhola as quais tem formas similares. Embora ainda esta em uso em LINGUAGEM-MANUAL, atualmente estão surgindo outros sinais à medida que profissionais surdos precisam distinguir a língua/linguagem. Assim, surgiu LANGUAGE.2 como uma re-acoplamento da configuração manual e a estrutura silábica perdendo o ponto de articulação/disposição do sinal original e adotando, respectivamente, o ponto de articulação dos sinais da LSC associadas com os chamados *verbos de atitude proposicional* (SAEGER, 2006) (PENSAR, LEMBRAR, ESQUECER, SABER) o ponto de articulação desses sinais é Cabeça/superior (Figura 4).



Figura 4: Duas sequências de LINGUAGEM (em cima) e LANGUAGE2 (abaixo): Colaborador surdo Eliecer Jurado. Imagens do Barreto (em avaliação).

Neste re-acoplamento o ponto de articulação e disposição atua como um *fonomorfema* (JOHNSTON & SCHEMBRI, 1999, P. 118). É um traço mínimo sem significado como no caso de outros sinais como um PROFESSOR ou POLICIA na LSC, mas no caso de verbos de atitude proposicional é também o morfema [intelecto]. Assim, parece que temos uma re-acoplamento entre um verbo e uma forma substantiva, característica da metáfora gramatical, no entanto, esta é uma articulação semântica que não segue a descrição rigorosa que Halliday proposto para o inglês. O morfema [intelecto] não é estritamente uma característica de uma classe gramatical, neste caso, como se fosse um processo porque ele também pode ser uma entidade ou um atributo derivado da metáfora conceitual MENTE É CONTENEDOR (LAKOFF & JOHNSON, 1980) e desde o mapa icônico CABEÇA COMO RECIPIENTE.

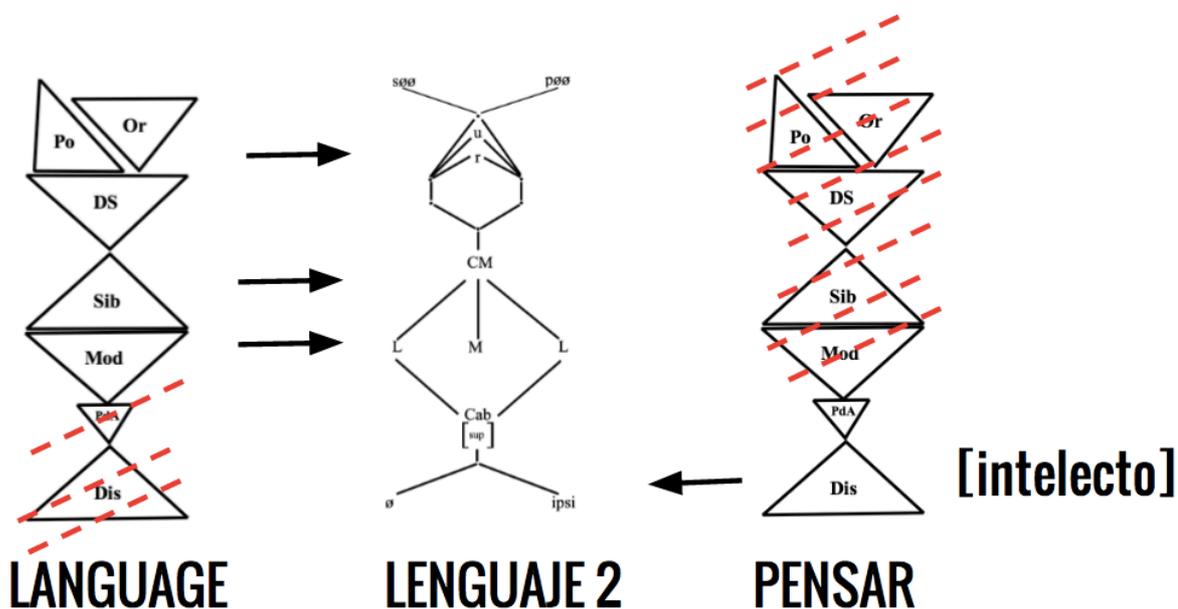


Figura 4: Re-acoplamento LANGUAGE.2.

Da mesma forma, o sinal para LÍNGUA1 na LSC usa o dedo selecionado e posição do sinal DIZER que são substituídos pelos traços do sinal CONTO. O que parece uma articulação semântica entre um verbo e um substantivo é revelado como um re-acoplamento entre o ponto de articulação (a boca) e disposição associado com o morfema [expressão] (presente em sinais na LSC como OBRIGADO, LICENÇA, FALAR, DESPREZO e SILÊNCIO) e modo do movimento (espiral) associado com o morfema [processo de] (presente em sinais na LSC como POUCO-A-POUCO, DESENVOLVIMENTO, PROCESSO, DEPOIS, AVANÇANDO). Devido a limitações de espaço, temos apenas reproduzir a representação fono-morfológicas desses sinais.

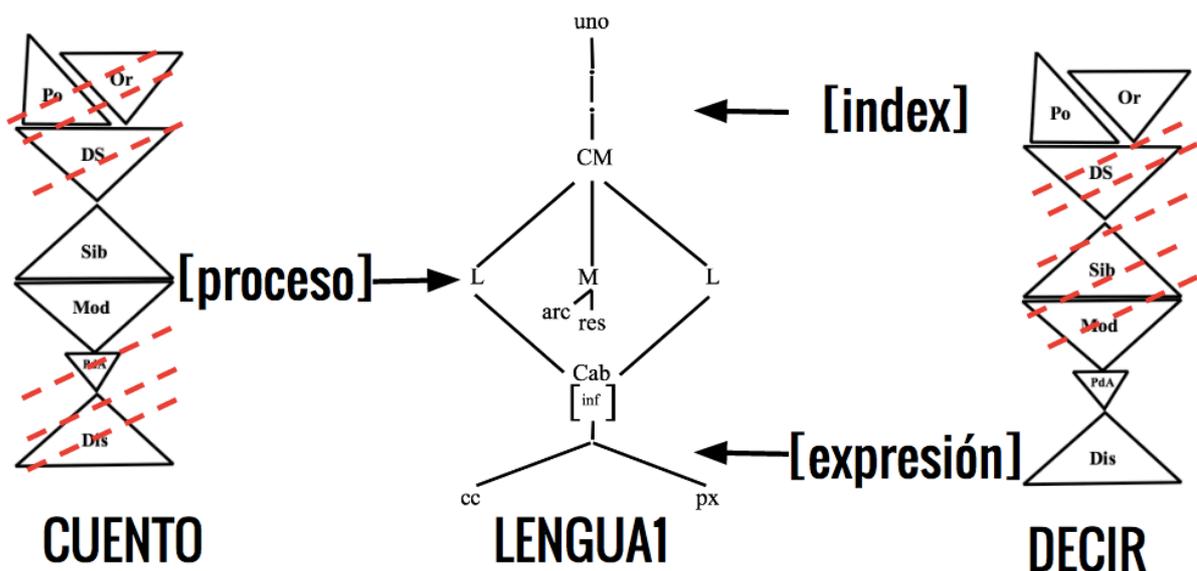


Figura 5: Re-acoplamento LINGUA1.

5. O fenómeno dos neônimos de Fundarvid na LSC: compreender a integração deíctica

Para a abordagem proposta neste trabalho é útil para assumir a distinção da terminologia (CABRÉ, 1999, pp. 206-7) entre *neologismo* e *neônimo*. Neologismos são as maneiras que poderiam adequadamente ser chamado de “neologismos naturais” eles são o fruto de elementos lexicais emergentes próprios do dinamismo e vitalidade de uma língua. Nós temos muitos exemplos dos neologismos no dia a dia. Neste sentido, neologismos são simplesmente *palavras* que devem ser tratados como entradas lexicais; uma abordagem que envolve uma direção *semasiológica*, da forma de palavra aos sentidos ou significados possíveis (que são dinâmicos e espaço-temporais). Os neônimos são as maneiras que poderiam ser chamados de “neologismos artificiais”. Eles são o resultado do desenvolvimento de círculos profissionais com linguagens especializadas. Assim, os *termos* são neônimos, que devem ser tratados no âmbito de terminologia; uma abordagem na direção *onomasiológica*; dos conceitos desenvolvidos pelas redes cognitivas pertencentes a disciplinas específicas às formas especializadas. O surgimento de termos como LINGUA e LINGUAGEM2 como uma oposição empréstimo antigo na LSC LINGUAGEM, prevê um tratamento que é motivado terminologicamente. Note-se que a surdos profissionais da emergência de LINGUA e LINGUAGEM2, eles não esperarem para continuar a utilizar o empréstimo LINGUAGEM, mas decidiram forçar a mudança pra LINGUAGEM2 e LINGUA na direção *onomasiológica*, ou seja, eles partiram dum conceito já construído desde o mesmo Saussure (*langage/lange*), para estabelecer uma forma conforme foi necessário, em seus próprios termos, para a comunicação

profissional. Em suma, esta precisão na comunicação profissional poderia ser definida em sua forma mais básica: não confundir a *linguagem* com *língua*, referindo-se aos conceitos na LSC em termos acadêmicos. Neônimos e neologismos têm dinâmicas diferentes, que devem ser levadas em conta ao propor uma terminologia da LSC. O que se segue é uma proposta de Barreto (2015) síntese inspirada no Cabré (1999)

Critério	Neônimos	Neologismos
Criação	Planejado	Espontânea,
Função primária	Eles surgem a partir da necessidade de uma descrição da técnica. Eles são mais estáveis. Sua manutenção é apoiada e defendida por um grupo de especialistas.	Eles emergem como uma forma de designação temporária diário, alguns permanecem no léxico de uma língua, a maioria são de curta duração.
Relacionamento sinônimos	Sinônimos rejeitar porque distorcem a eficiência comunicativa.	Eles coexistem com sinônimos, eles não são afetados por eles.
Os recursos são favorecidos.	Favorecendo os compostos e formas baseadas em línguas neo-clássica.	Favorecendo dialetos nativos e empréstimos.
Continuidade na língua.	Complexos, alguns podem ser frases. Formas de termos não é tão fácil pronúncia.	Eles são concisos. Formas básicas de palavras linguagem fácil de pronunciar.
Forma de convivência e relação com outros sistemas.	Eles não necessariamente espalhar no uso geral da língua, mas a sua nomeação pretende ser internacional.	Aqueles que sobrevivem, permanecem no uso geral da língua em que foram criados.

Tabela 1: Diferenças entre neônimos e neologismos (BARRETO, 2015).

Estudos em outras línguas de sinais podem iluminar o neologia motivada onomasiologicamente, que não é totalmente “natural”, mas socialmente configurada com pelo acesso e experiência no mundo.

No entanto, o desenvolvimento de terminologia para fins acadêmicos tem sido particularmente dinâmica do LSC, que poderia estar em relação a outras línguas. Desde 1999 na Colômbia o movimento chamado Fundarvid (Fundación Árbol de Vida) emergiu. Este movimento propõe uma vez que o principal meio para melhorar a qualidade educacional e social dos surdos é a modernização da língua de sinais. Sua proposta tem melhorado dramaticamente a capacidade de compor sinais através de morfemas simultâneos, um aspecto que levou a incorporar algumas

combinações de características que não são usados em o léxico geral. Os seus postulados poderiam ser resumidos como se segue:

1. Eles tendem por uma lógica de articulação semântica em língua de sinais, onde, tanto quanto possível, cada mão, cada ponto de articulação, disposição e modo de movimento tem a capacidade de estar usando morfologicamente.
2. Incentivar a profusão de sinais “Tipo 3” (BATTISON, 1978) (sinais bimanuais assimétricas) que facilitam a manter duas configurações manuais diferentes.
3. Eles re-acoplam peças de sinais para formar novos neônimos de sinais, usam todos os tipos de construção para fins de terminologia.
4. Propõem descolonizar o ‘ouvintismo’ dos sinais que têm traços de *Fingerspelling* ou vocalizações.
5. Eles incentivam formas de composto e sinais complexos de todos os tipos.
6. Promovem uma resistência para a inclusão educacional. Eles promovem uma educação “própria” centrado na LSC em termos da LSC e não usando a língua de sinais como um trampolim ou uma desculpa para chegar ao espanhol.
7. Eles acreditam que suas neônimos têm a capacidade educacional para construir e estruturar o pensamento surdo.

À primeira vista, parece que a proposta de Fundarvid são compostos na LSC etimologicamente, igual que *anthropos + logos*, ou *trans + reductio* para formar *antropologia* e de *tradução* em onde cada mão, seria semelhante a um ‘etimo’. No entanto, uma análise detalhada de alguns destes neologismos e neônimos revela que são ligeiramente diferentes. Claro, esta proposta levou a 17 anos de controvérsia na comunidade de surdos da Colômbia. Mesma é suportada em grão parte por ideologias e atitudes linguísticas e, em menor medida, por restrições físicas e neuropsicológica reais na produção de sinais. Como fazer uma características detalhadas e gráficos dos sinais de análise Fundarvid vai além do escopo desta escrita, o leitor que deseja aprofundar pode ler a contextualização etnográfica que oferece Barreto (2015) ou um trabalho mais geral sobre neologismos da LSC proposto em Tovar (2010).

Deixando de lado a controvérsia social em torno Fundarvid, pode ser visto como alguns neônimos deste movimento tem tido incorporados na LSC para atender uma lacuna terminológica na área (no caso da LÓGICA, DIDÁTICA, e VIRTUAL por exemplo) ou em competição aberta com um termo existente considerado arcaico (o caso do SURDO, ALMOÇO, EPISTEMOLOGIA, ANTROPOLOGIA, entre outros) Pode observar-se que as pessoas surdas deste movimento longe de fazer uma “inovação” completa somente estão melhorando um exercício onomasiológico que já timidamente existiu em vários sinais, como o caso da LINGUAGEM2/LÍNGUA (Isso, é claro, assumindo que estes sinais que têm uma idade não inferior a 20 anos não são influenciados pela articulação semântica proposta pela Fundarvid). Fundarvid está tomando a articulação semântica à sua expressão mais alta na LSC. Para diferenças

ideológicas sobre a natureza dos termos em LSC, Fundarvid considerou que o sinal LANGUAGE.2 era inadequada porque tinha uma inicialização em sinais da "L" em espanhol, a língua dos ouvintes no país. Além disso, no caso de LÍNGUA, os líderes Fundarvid tem rejeitado este sinal devido á utilização da *boca* como eixo morféxico associado com [a expressão]. Na perspectiva deste movimento, as palavras na LSC não devem usar formas que evocam o espanhol, nem deve sugerir conceitualmente que toda linguagem é "expressa pela boca" uma clara exclusão de línguas de sinais expressada principalmente pelas mãos e os traços de corpo inteiro. Embora isso possa parecer um exagero, não é difícil imaginar como essa controvérsia não é tão diferente do que acontece em todas as línguas faladas.

Fundarvid desde sua proposta terminológica propôs LÍNGUA2 e LINGUAGEM3 (Figura 6). Visto de uma perspectiva certa, LINGUAGEM3 e LÍNGUA2, é uma “melhoria” ao LINGUAGEM.2 e LÍNGUA1 acima. Eles manterem a distinção [intelecto] do sinal anterior, e adicione outros finos traços morfológicos para LÍNGUA2 [percepção-visual][articulação-manual][articulação-oral] por questões de espaço não profundo como os morfemas estão conectados com classes de traços fonológicos numa unidade *fonomorféxica*. Assim, os sinais LINGUAGEM3 e LÍNGUA2, tentam incorporar a distinção dos conceitos de *langage/lange*, sua semelhança 'melódica', desde uma perspectiva dos surdos, ou seja, a língua /linguagem é algo que para o povo surdo tem a ver com a mão e a cara, não com o som.

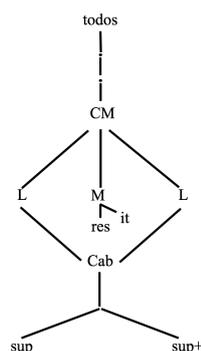
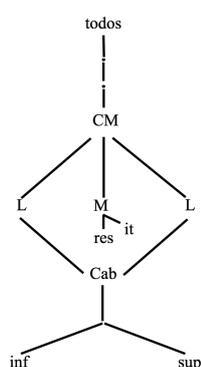


Figura 6: Imagens representativas dos sinais LINGUAGEM3 (abaixo) e LÍNGUA2 (acima).

Estes sinais são rejeitados por alguns setores dos surdos, sendo propostas Fundarvid, embora eles não têm restrições reais fonético-fonológico (sinais unimanuais são muito comuns selecionados LSC).

Uma abordagem para a análise e interpretação de neologia em LSC deve considerar a prática referencial. Neônimos em língua de sinais colombiana para fins acadêmicos são o resultado da atividade dos círculos especializados surdos em sua ambição de construir linguagens especializadas para acessar os objetos de conhecimento do campo acadêmico, ou seja, o acesso em ordem crescente de especificidade; denominações, conceitos, definições, redes cognitivo-semânticas de categorias, tipos textuais e gêneros do discurso. Este acesso é uma prática referencial em um sentido mais abstrato. Esses “objetos” não são coisas co-presentes no espaço físico que o rodeia. É um objeto situado na mente. No entanto, essa abstração do objeto, não é dêixis *demonstratio ad oculos* entanto é dêixis *am phantasma* (Bühler, 1934, p. 140), ou seja, a referência às coisas guiados pela memória e imaginação.

Isto é, quando a abordagem prática para a linguagem (PAL) pode ser extremamente útil em comparação à metáfora gramatical. Embora em termos hallidayianos metáfora gramatical concentrou-se em estratos semânticos e léxico-gramaticais, mas é particularmente apenas no metafunção ideacional o quadro onde as maneiras em que os falantes organizar e interpretar sua experiência no mundo, no PAL, a conexão com o mundo através da deixis é o núcleo da análise. Esta “dimensão de referência” ou campo dêítico (Hanks, 2005) é uma organização estrutural que se sobrepõe ao campo social nos neônimos. A fono-morfologia do LSC nos permite ver que as correspondências de forma-conteúdo são possíveis de estabelecer com os recursos da língua. Isso eu tentei mostrar nas seções anteriores. Estas correspondências de forma-conteúdo tem um valor em todos os campos, começando com o campo simbólico dado pelo fonomorfemas. Os papéis assumidos pelos agentes que compõem uma comunidade de falantes de neônimos seus nomes adicionados a um valor no campo social; em neologismos e dos textos oficiais (Hanks, 2010) tornou a forma para excluir / incluir ou distinguir uma ‘posição’ no campo. Esta está ligada à construção de um gênero do discurso mais amplo, que elabora as restrições sobre o que é apropriado, autorizado e legítimo no campo tecnolectal (Na controvérsia Fundarvid, por exemplo, ha um recorrente discursos de uso sobre a ‘contaminação’, pureza e ‘natureza’ da língua, em lados diferentes).

Agora, eu quero enfatizar como as correspondências de valor dêítico tomam forma-conteúdo no campo da língua. No caso de LINGUAGEM3 e LÍNGUA2 é uma fusão entre elementos

linguísticos (características e classes traços) e não-linguísticos (elaborações conceituais e metafóricas do espaço e do gesto; MÃO COMO EXPRESSÃO, OLHOS COMO VISUAL, ARRIBA COMO ABSTRATO, CABEZA COMO INTELECTO etc.). Esta “fusão” você poderia pensar mesmo em outras modalidades, tais como toque e escrita, é o que, de acordo com Edwards (2014) interpreta como estratégia de integração deíctica no PAL.

A análise preliminar dos 70 neologismos deste trabalho pre-campo revela que integração deíctica é um meio de pressão sobre a gramática de neologismos/neônimos na LSC. Uma maneira em que surgem novas palavras no léxico através da incorporação de elementos gestuais, espaciais e conceituais não especificados na fonologia *desafiam* a gramática. Quando estes sinais cumprir o seu papel como instrumentos que tenham valor no campo social, a forma e significado são *convertidos*. Eles são convertidos, quando geram estruturas na língua emergente, transformando-se em novas formas dentro das possibilidades da gramática (banalização dos neônimos) ou simplesmente podem produzir novos significados e redes semânticas. Os neônimos podem se tornar qualquer coisa, mas o que eles eram inicialmente.

6. Conclusões

Não podemos aplicar estritamente o conceito de hallidayiano metáfora gramatical ao LSC, na medida em que a fono-morfologia da língua gestual revela diferentes estratégias de “fusão conceitual” em relação à modalidade não ser satisfatoriamente descritos através de classes de palavras formais (substantivo / verbo / adjetivo). Embora, afirmar que não há metáforas gramaticais em LSC envolve o argumento que essa linguagem não a deixou sua “infância” acadêmica e, portanto, não é uma língua para a ciência. No entanto, temos a prova empírica abundante da existência de variedades que poderia ser chamada língua de sinais para a ciência. Muitas formas que podem ser definidas como variedades técnicas, acadêmicas e científicas começaram a surgir na LSC, por isso é necessário compreender de que forma pode se apresentar ou definir metáforas gramaticais, se nós quiséramos usar este esquema para línguas de sinais. A integração deíctica representa um avanço que permite analisar como os elementos não-linguístico contribuem a incorporação de línguas em novos domínios sociais, delineando novas variedades tecnolectales. Resta interpretar como a integração deíctica explica o acesso dos agentes com objetos do conhecimento, no plano da deixis orientada pela imaginação (BÜHLER de 1934 ou seja *Dêixis am Phantasma*) e como isso pode ser explicado este princípio semiótico através de dispositivos que representam o espaço, o gesto e outras modalidades na língua em interação na prática social.

Bibliografía

- AART, B. (2004). Conceptions of gradience in the History of Linguistics. *Language Sciences*, 26, 343–389.
- AROCHA, J. (2003). Diarios contaos, otra manera de hacer visibles a los afrocolombianos en la antropología. In *150 años de la abolición de la esclavización en Colombia: Desde la marginalidad a la construcción de la nación* (pp. 474–497). Bogotá: Aguilar.
- BARRETO, A. *Fundarvid: Una contextualización etnográfica de sus neologismos en la lengua de señas colombiana*. Universidad Nacional de Colombia, tese de maestrado, 2015
- BARRETO (em avaliação) *Neologismos en lengua de señas colombiana: Metáforas gramaticales e integración deíctica*. Instituto Caro y Cuervo.
- BATTISON, R. (1978). *Lexical Borrowing in American Sign Language*. Washinton: Linstok Press.
- BOURDIEU, P. (1978). *La distinción: Criterio y bases sociales del gusto*. Madrid: Taurus.
- BÜHLER, K. (1934). *Theory of Language: The representational function of language*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- CABRÉ, T. (1999). *Terminology: Theory and Practice*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- EDWARDS, T. (2014). *Language Emergence in the Seattle DeafBlind Community*. University of California, Berkeley.
- GILLES, N., & PADDEN, C. Unraveling the Grammar of Sign Language | AAAS - The World's Largest General Scientific Society. Retrieved September 24, 2016, from <https://www.aaas.org/blog/member-spotlight/unraveling-grammar-sign-language>
- GUBER, R. (2001). *Etnografía: método, campo y reflexividad*. Bogotá: Norma.
- HALLIDAY, M. A. K. (2004). *The Language of Science (The collected works of M. A. K. Halliday)*. (J. J. Webster, Ed.). London: Continuum.
- HANKS, W. F. (1996). *Language and Communicative Practices*. Boulder, Colorado: Westwiev Press.
- HANKS, W. F. (2000). *Intertext: Writings on Language, Utterance and Context*. New York: Rowman & Littlefield Publishers.
- HANKS, W. F. (2005). Explorations in the Deictic Field. *Current Anthropology*, 46(2), 191–220. <http://doi.org/10.1086/427120>
- HANKS, W. F. (2010). *Converting Words: Maya in the Age of the Cross*. Berkeley: University of California Press.
- HANKS, W. F. (2013). Counterparts: Co-presence and ritual intersubjectivity. *Language & Communication*, 33(3), 263–277. <http://doi.org/10.1016/j.langcom.2013.07.001>
- JOHNSON, R., & LIDDELL, S. (2011). Toward a Phonetic Representation of Sign, I: Sequentiality and contrast. *Sign Language Studies*, 11(2), 241–274.
- JOHNSTON, T., & SCHEMBRI, A. (1999). On Defining Lexeme in Signed Language. *Sign Language & Linguistics*, 2(2), 115–185.
- LAKOFF, G., & JOHNSON, M. (1980). *Metaphor by We Live*. Chicago: Chicago University Press.
- LIDDELL, S. (2003). *Grammar, gesture and meaning in american sign language*. Cambridge: Cambridge University Press.

- SAEGER, B. DE. (2006). Evidencialidad y modalidad epistémica en los verbos de actitud proposicional en español. *Interlingüística*, ISSN 1134-8941, N^o. 17, 2006, Págs. 268-277, (17), 268–277.
- SANDLER, W. (1989). *Phonological representation of the sign: Linearity and nonlinearity in sign language phonology*. Dordrecht, Holland: Doris Publicatons.
- SANDLER, W., & LILLO-MARTIN, D. (2006). *Sign Language and Linguistic Universals*. Cambridge: Cambridge University Press. Retrieved from <http://www.cambridge.org/catalogue/catalogue.asp?isbn=9780521482486&ss=cop>
- TAUB, S. (2010). *Language from the Body: Iconicity and Metaphor in American Sign Language*. Cambridge: Cambridge University Press. Retrieved from <http://www.cambridge.org/ch/academic/subjects/psychology/cognition/language-body-iconicity-and-metaphor-american-sign-language?format=PB>
- TOVAR, L. (2010). La creación de neologismos en lengua de señas colombiana. *Lenguaje*, 38(2), 277–312.